

6

O PERFIL DOS JOVENS: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO A PARTIR DOS DADOS COLETADOS

A intenção deste capítulo é analisar e apresentar os mais importantes aspectos relacionados às percepções dos sujeitos da pesquisa a respeito da escola. Baseia-se, em grande parte, nas informações de caráter qualitativo, completadas e fundamentadas por dados quantitativos produzidos a partir do questionário desenvolvido pela pesquisa.

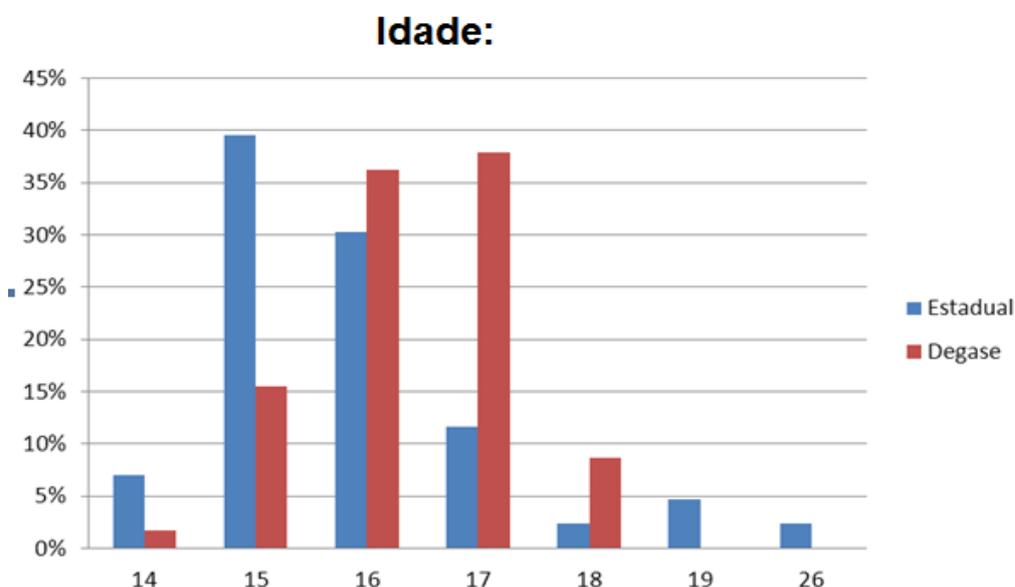
Procuramos descobrir qual o perfil dos sujeitos da pesquisa. Interessa compreender quem são estes jovens, suas idades, estrutura familiar, raça/cor, entre outros. Em segundo lugar, procuramos aprofundar o tema relacionado as estruturas familiares. Em que medida a família tem um papel verdadeiramente relevante para esses jovens e suas percepções sobre a escola. Qual tipo de estrutura familiar? Qual escolaridade dos pais? E das mães? Esta reflexão é relevante, pois tanto as questões secundárias discutidas, quanto os dados da pesquisa apontam para uma relação mais complexa do que a descrita na teoria para a articulação entre participação familiar na vida escolar do jovem e evasão escolar, por exemplo. Procuramos avançar também, aqui, para descobrir algumas características que possibilitem entender como os jovens se relacionaram ou se relacionam com a escola e qual o significado que esta instituição tem para eles. Esta fase do trabalho foi realizada a partir dos dados coletados por intermédio do questionário. Os processos utilizados na seleção dos sujeitos da pesquisa foram detalhados no capítulo 2.

6.1

DISTRIBUIÇÃO DOS JOVENS SEGUNDO A FAIXA ETÁRIA

No período em que aplicamos os questionários, os Jovens da Escola Estadual Estrela e da Escola João Luiz Alves possuíam as idades apresentadas no gráfico 2.

Gráfico 2



Avaliamos que saber efetivamente a idade dos jovens que cumprem medida socioeducativa de privação de liberdade bem como daqueles que estão cursando a série inicial do Ensino Médio, pode constituir um importante instrumento para se pensar em políticas públicas de educação e de profissionalização adequadas para esta parcela da população brasileira.

Importante destacar também que a faixa etária em que se encontram os jovens do DEGASE, representa, o auge das modificações hormonais e da busca por autoafirmação e reconhecimento de sua existência. Nessa etapa da vida, o jovem quer ser diferente dos demais, impondo-se muitas vezes, por meio da violência.

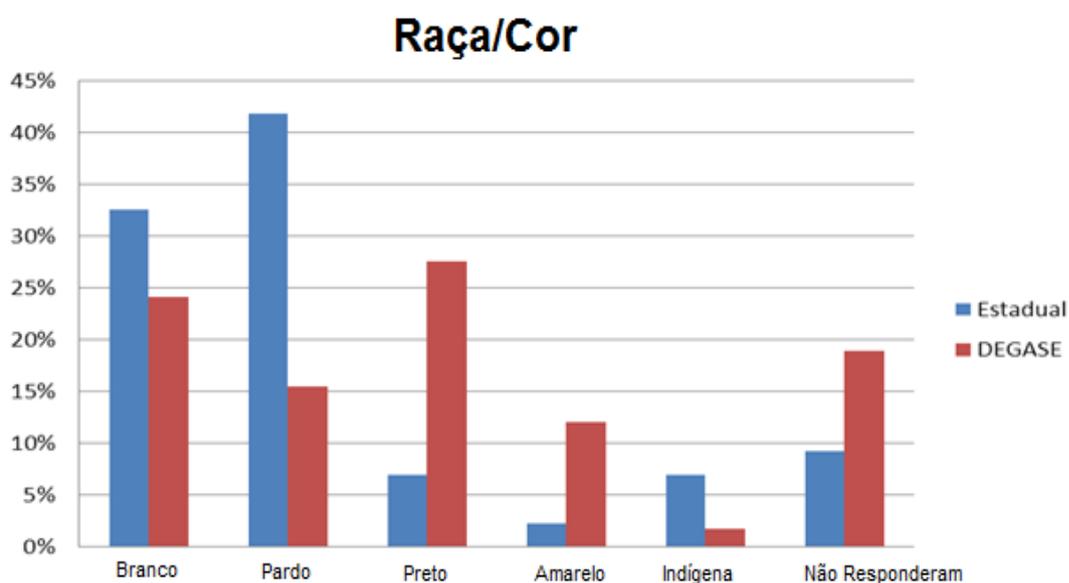
O percentual de mais de 35% com idade de 17 anos dos jovens que cumprem medidas socioeducativa no sistema DEGASE é bastante significativo, tendo em vista que a partir dos dezoitos anos, o jovem, caso cometa algum delito, será encaminhado para as instituições ligadas a Secretaria de Estado de Administração Penitenciária (SEAP). Os números demonstram também que os jovens que estão na Escola João Luiz Alves, cometem ato infracional com idades de 16 e 17 anos. Com relação aos jovens da escola Estadual, o percentual de cerca de 40% dos que responderam o questionário, possuem 15 anos de idade, e estão cursando a primeira série do Ensino Médio.

6.2 DISTRIBUIÇÃO DOS JOVENS SEGUNDO A PERSPECTIVA ÉTNICO - RACIAL

O gráfico 3, abaixo, apresenta o percentual dos jovens com relação a raça/cor. Os jovens internos da Escola João Luiz Alves e da Escola Estadual, se autodeclararam, a partir de opções de raça/cor, segundo as categorias do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Os dados anteriormente citados sobre a raça/cor do jovem que cumprem medida socioeducativa de privação de liberdade no Brasil mostrou que mais de 40% (acreditamos que este percentual pode ser maior tendo em vista que cerca de 16% não informaram sua raça/cor) são afrodescendentes, 27% são pretos e 15% são pardos.

Com relação ao jovem estudante secundarista, que estão em Escola Pública, 49% são afrodescendentes, 42% são pardos e 7% são pretos.

Gráfico 3



Acreditamos que mesmo havendo uma predominância de afrodescendentes que cumprem medidas socioeducativas, consideramos que muitas vezes, esses dados são analisados de forma mecânica, sem levar em consideração outros fatores que uma associação entre raça/cor e o cometimento do ato infracional por parte desta parcela

de jovens. Destacamos que este mesmo perfil de juventude é também vítima da violência urbana, conforme demonstrado anteriormente e apontado por RIZZINI e RIZZINI (2004).

Entretanto, ressaltamos que não tivemos grandes surpresas nas análises referentes ao aspecto raça/cor. Percebe-se uma concentração de pretos e pardos entre os jovens da pesquisa era muito elevada. Desse modo, o aspecto racial não pode ser considerado como um elemento diferenciador dos sujeitos da pesquisa.

6.3 DISTRIBUIÇÃO DOS JOVENS SEGUNDO AS PRÁTICAS RELIGIOSAS

Dentre os diversos estilos de ser jovem, percebemos que o universo da religião também vem acompanhando os recortes como classe, gênero, raça/cor, orientação sexual, dentre outros. Entretanto, ao elaborarmos o mapeamento buscamos a literatura acadêmica sobre a questão das práticas religiosas dos jovens da pesquisa, percebemos que ainda existe pouca produção acadêmica sobre esta temática. Alguns trabalhos, como de CURY (2004) e PAULY (2004), analisam o aspecto da religião sob o ponto de vista do ensino. Neste sentido, procuramos elaborar uma reflexão no sentido de entendermos como a prática religiosa influencia a vida dos jovens.

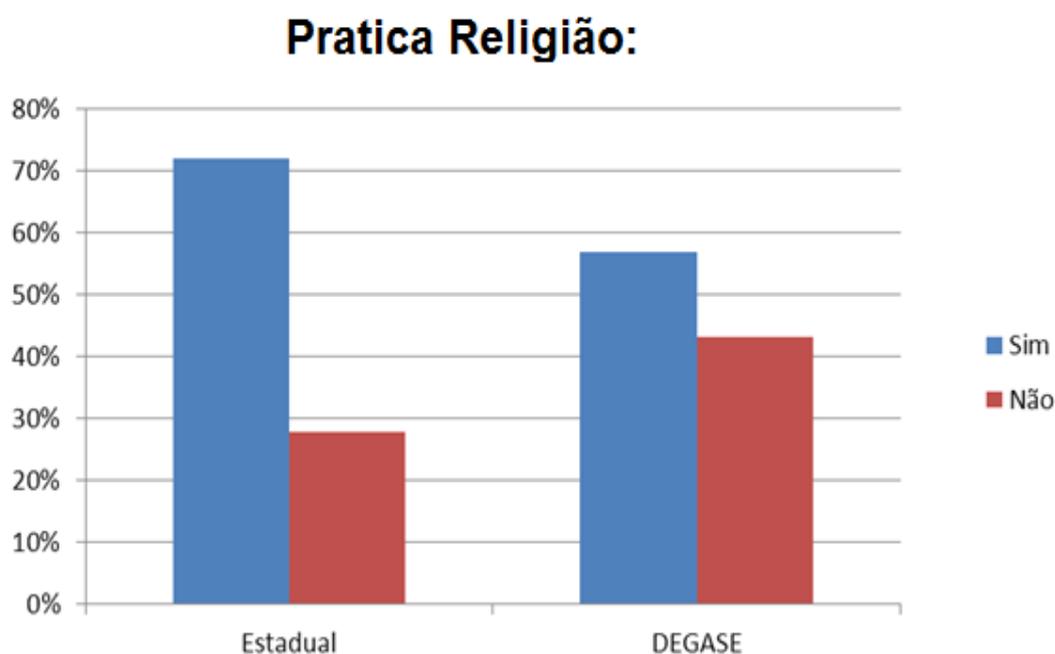
A partir das características apresentadas sobre o conceito de juventude, observamos que o aspecto religioso pode ser um dos motivadores para que o jovem busque uma experiência espiritual. A pesquisa revelou que a grande maioria dos jovens pratica algum tipo de religião, No caso dos jovens da Escola Estadual, 70%, revelou a prática religiosa. Já os jovens do DEGASE, cerca de 55%, declararam possuir alguma referência religiosa.

Chama atenção o fato de que mais de 40% dos jovens do DEGASE, conforme o gráfico 4 mostra, responderam que não praticam nenhum tipo de religião. Poderíamos aqui, supor que, por vivenciarem tantas violências, a experiência religiosa não tem importância em suas vidas. Este panorama, nos leva a pensar que o cenário dessa juventude apresenta muitos jovens sem religião, demonstrando certo “espírito de época”, onde a juventude está imersa num campo religioso mais plural e

diversificado e, sobretudo, mais competitivo (o gráfico 5, elenca os tipos de religião assinalados pelos jovens).

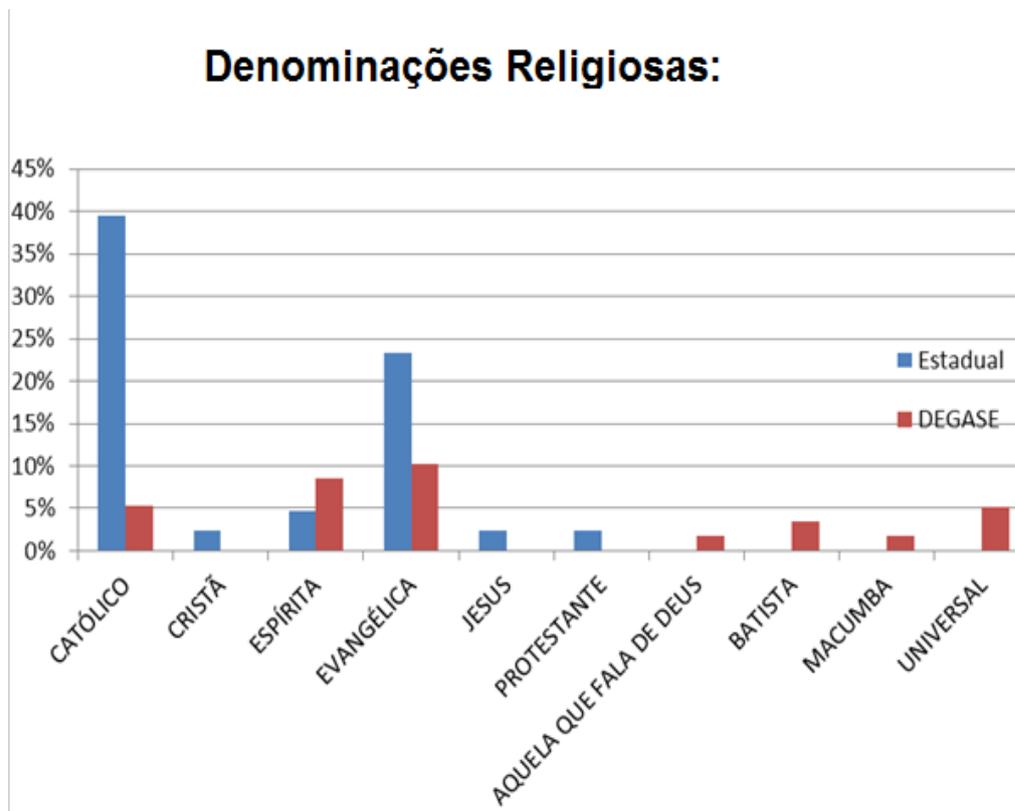
Já com relação aos jovens da Escola Estadual, o percentual de 70% que responderam praticar alguma religião parece indicar que a prática religiosa influencia, de alguma forma, na relação do jovem com a escola, e por que não dizer, de sua permanência na mesma.

Gráfico 4



Com relação aos tipos de religião, os jovens, nomearam dez tipos de denominações (o gráfico 5 apresenta cada uma delas), segundo seus critérios. Embora as nomeações “Jesus” e “Aquele que fala de Deus”, não serem denominações religiosas resolvemos citá-las, pois representam a percepção que alguns jovens possuem sobre as denominações religiosas. A pesquisa revelou também que entre os jovens da Escola Estadual, a grande maioria, quase 40%, se declara como católico.

Gráfico 5



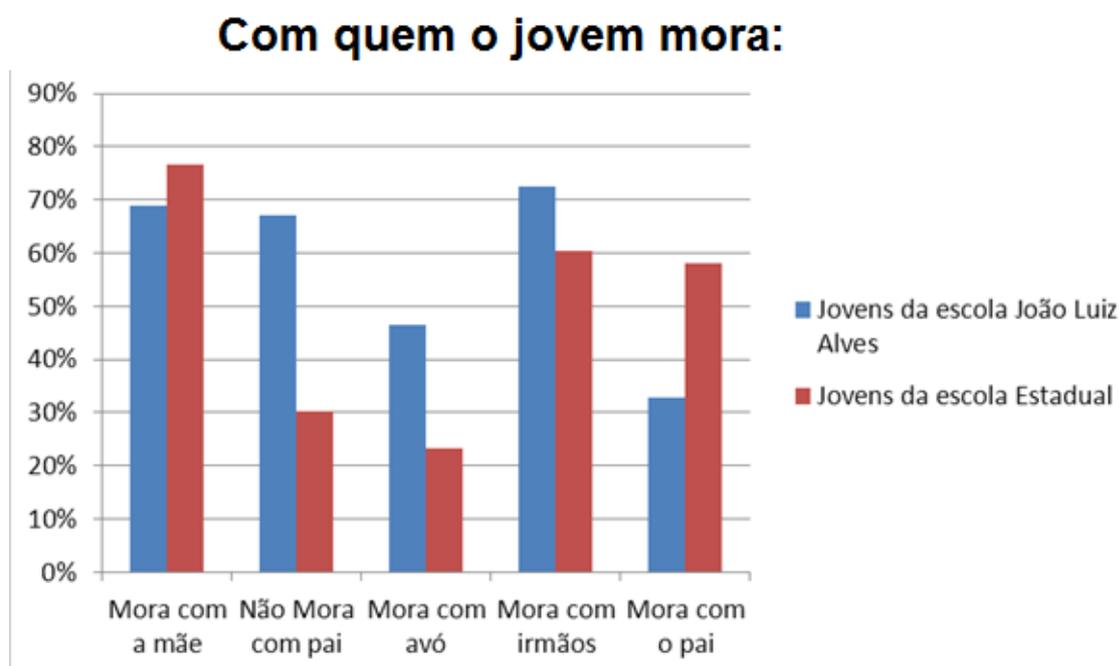
A teoria da sociologia da religião observa que a modificação no que diz respeito às denominações religiosas estaria relacionada a um processo de transferência entre as gerações (NOVAES, 2005). A passagem de católicos para outras denominações provocou uma mudança social que foi percebida no censo demográfico, pois a diminuição do número de adultos e jovens católicos contribuiu para um processo de gerações que não possuem uma identidade com o catolicismo.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apresentou, também, alguns elementos em que podemos comparar religião e educação escolar. Os dados possibilitam fazermos uma associação entre camadas de baixa renda, pertencimento a uma denominação religiosa e processo de escolarização. Entre os evangélicos, mesmo tendo presente que 6,2% não possui escolaridade, 42,3% afirmaram terem voltado a estudar. Isto possibilita indicar que este segmento religioso valoriza a questão educacional.

6.4 COMPOSIÇÕES FAMILIARES

No que se refere à com quem os jovens moram 69% dos jovens que cumprem medida socioeducativa de internação na Escola João Luiz Alves, moram com a mãe, ratificando dados de outros estudos. Temos também a presença dos irmãos, em 72,4%, da avó, em 46,6% e do pai em apenas 32,8%. Um dado importante é que 67,2% não mora com o pai, nem possuem informações sobre ele.

Gráfico 6



Com relação aos jovens da Escola Estadual, a mãe é a figura mais presente (76,7%), seguida dos irmãos (60,5%) e do pai (58,1%), conforme mostra o gráfico 6. Neste caso, a estrutura familiar é mais definida, sobretudo no aspecto da organização familiar mais tradicional: pai, mãe e irmãos.

Alguns estudos (ARPINI, 2003 e ROUDINESCO, 2003) vêm apontando as alterações sociais no âmbito familiar. Segundo estes autores, essas transformações podem gerar um ambiente mais vulnerável para o desenvolvimento sócio afetivo dos

filhos. Desse modo, é possível percebermos que existe uma associação entre os jovens autores de ato infracional e suas estruturas familiares.

ARPINI (2003) salienta que as famílias de grupos populares a mãe tem sido a principal responsável por dar conta das questões econômicas e sócio afetivas de seus filhos. Assim, o papel do pai no contexto familiar se enfraqueceu. Se observarmos os dados apresentados, constatamos que a figura paterna na composição familiar dos jovens que cumprem medida sócia educativa de internação na Escola João Luiz Alves é baixa. Neste sentido, ARPINI (2003) salienta que:

“Nesse tipo de relação, a mãe é a figura de autoridade na casa, e o fato de ser, não raro, ainda bastante jovem, torna-lhe difícil o gerenciamento de todos os problemas e dificuldades decorrentes de ser pobre, ter muitos filhos e precisar mantê-los e, ao mesmo tempo, garantir a manutenção da casa” (ARPINI, 2003, pág.03).

Ainda segunda a autora essa relação

“Coloca a mãe nessa dupla função de mulher mãe e trabalhadora, de modo que ela passa a exercer parte da tradicional autoridade masculina para evitar fragilizar ainda mais sua família, uma vez que não há um homem para prover teto, alimento e respeito, ficando por conta dela a economia da família” (ARPINI, 2003, pág.04).

Nesse sentido, essa situação de assumir sozinha a criação dos filhos, acaba por produzir uma sobrecarga de trabalho, que muitas vezes ela não dá conta, o que a deixa mais vulnerável, sobretudo no cuidado com esses filhos, o que irá se refletir na relação com os mesmos. Consideramos, contudo, que “o fato já está consumado”, a estrutura familiar das classes populares é definida a partir dos contextos sociais. Neste sentido, torna-se necessário que políticas públicas possam possibilitar as condições necessárias para que essas famílias possam enfrentar as situações e os desafios sociais. ARPINI (2003) enfatiza ainda que:

“A mesma sociedade que os generaliza, quando trata de estabelecer um diagnóstico e compará-los com o ideal definidor, é a que estabelece uma forma de tratamento

diferenciada ao considerar seus espaços e oportunidades em relação a emprego, estudo, formação e tratamento. Com isso, fica explícito que a própria sociedade se contradiz ao exigir uma aproximação quando se trata de avaliar e estabelece uma diferenciação quando se trata de atender e dar oportunidades, pois neste último caso desaparece seu interesse em generalizar a concepção mais moderna, o que demonstra que tal sociedade não considera todos como sujeitos da mesma ordem” (ARPINI,2003, pág.09).

Os dados permitem percebermos que os jovens da Escola Estadual moram com pai e mãe, enquanto os jovens da Escola João Luiz Alves, com menor escolarização, viviam em famílias monoparentais. Acreditamos que por isso, no caso dos jovens que cumprem medida socioeducativa, sobretudo os de internação, necessitam de um suporte maior, no sentido de fortalecer esses laços durante o cumprimento da medida para que o jovem não se sinta sozinho e possa se reintegrar na sociedade com o apoio da família.

6.5 ESCOLARIDADE DOS RESPONSÁVEIS

No que se refere à escolaridade dos pais, a pesquisa mostrou que 36,9% dos jovens da Escola Estadual afirmaram que seus pais estudaram até o Ensino Médio. Já com relação aos jovens da Escola João Luiz Alves, apenas 10,3% dos pais desses jovens estudou até o Ensino Médio. Chama atenção que 62,1% desses jovens que cumprem medida socioeducativa de internação afirmaram não saber até que série seus pais estudaram. O índice maior de escolaridade é de 12,1%, referente aos pais que estudaram até o 6º ano (antiga 5ª série).

Com relação a mães dos jovens da Escola João Luiz Alves, 32,8% estudou até o 6º ano e 13,8% até o Ensino Médio. Já as mães dos jovens da Escola Estadual apenas 9,3% estudaram até o 6ª ano e 27,9% estudaram até o Ensino Médio.

O Brasil possui uma extensa literatura sobre o tema da desigualdade educacional, conforme já salientado anteriormente. Entretanto, na questão da mobilidade intergeracional, temos poucas pesquisas sobre o tema. Os estudos de BARROS (2001), que utilizou os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de

Domicílios (PNAD) de 1996, mostrou que o nível de educação dos pais tem um papel importante na determinação da escolaridade dos filhos com idades entre 11 e 25 anos. Os estudos de PASTORE (1979), realizados no final da década de 70, já demonstravam que a escolaridade do pai era um fator determinante no nível de escolaridade do filho já adulto.

Em nível internacional as pesquisas de BEHRMAN e SZÉKELY (2001) em estudo sobre mobilidade intergeracional na América Latina, constatou que essa mobilidade é menor nos países em desenvolvimento, quando comparados aos países desenvolvidos. Avaliou que dentre os países da América Latina, o Brasil é o país que possui o menor nível de mobilidade intergeracional, um dos menores do mundo. No caso específico do Brasil, esse artigo mostrou que o nível de mobilidade varia entre as regiões brasileiras e entre as raças/etnia. Por exemplo, a mobilidade na região Nordeste é menor que a da região Sudeste. Foram encontradas evidências de não linearidades no nível de mobilidade educacional. Há uma mobilidade menor para os filhos de pais com pouca escolaridade. FERREIRA (2003) analisando a mobilidade educacional no Brasil tendo como referência o PNAD de 1996 avalia que foram encontradas

“Evidências de não linearidades significativas no padrão de mobilidade educacional. Em especial, a mobilidade é menor para filhos de pais com pouca escolaridade do que para filhos de pais com escolaridade mais elevada, com exceção de pais no topo da distribuição educacional, que apresentam mobilidade relativamente baixa.” (FERREIRA, 2003, pág. 482).

O autor também enfatiza que

“As não linearidades observadas ajudam a explicar as diferenças no padrão de mobilidade entre raças e regiões. Especificamente, a menor mobilidade entre os negros está fortemente associada à maior probabilidade, nesse grupo, de o filho de um pai sem escolaridade permanecer sem escolaridade. Enquanto a probabilidade de um filho negro de um pai sem escolaridade permanecer na mesma categoria de educação do pai é cerca de 42%, a probabilidade análoga para brancos é pouco acima de 24%.” (FERREIRA, 2003, pág. 482).

Os trabalhos mais recentes de REIS e RAMOS (2011) e HOFFMANN (2006), também utilizam como referência os dados do PNAD de 1996. Essas pesquisas apontaram que a estrutura educacional familiar tem um papel fundamental no processo de transmissão de desigualdades de rendimentos e educacionais entre as gerações. Segundo esses trabalhos, no Brasil, de uma maneira geral, existe uma significativa transferência de status social entre as gerações o que, colabora para a manutenção das desigualdades sociais.

Temos ainda a pesquisa realizada pelo Projeto GERES-Estudo Longitudinal da Geração Escolar 2005- que procurou analisar a relação entre a distribuição de rendimentos do trabalho no Brasil e a escolaridade dos pais brasileiros em cinco cidades brasileiras a partir da avaliação dos desempenhos escolares de vinte e um mil estudantes do Ensino Fundamental. Os resultados da pesquisa apontam também para a ideia de que existe uma relação entre as expectativas dos pais e o desempenho escolar dos filhos.

Os trabalhos de MACHADO e GONZAGA (2007) analisaram como o efeito da educação e renda dos pais pode influenciar na defasagem idade-série das crianças, utilizando os mesmos dados do PNAD de 1996. Constataram que

“O progresso educacional da criança pode ser influenciado por características relacionadas à escola e ao background familiar (educação e renda familiar), bem como à complementaridade entre esses fatores. O ambiente familiar e as características dos pais têm impacto nas decisões relacionadas às crianças e jovens. Jovens que vivem em famílias cujo "background" é melhor (renda mais alta e nível educacional superior) têm melhores condições de permanecer por um período mais longo na escola. Nestes casos, o custo de permanência nesta etapa de estudante não seria restritivo. Além disso, o status sócio-econômico e educacional está usualmente positivamente correlacionado entre as gerações.” (MACHADO e GONZAGA, 2007, pág.450).

Observaram também que políticas de transferência de renda podem influenciar na redução da defasagem idade/série e que as matrizes de mobilidade

mostraram que pais com nível educacionais baixos, possuem filhos com maiores possibilidades de defasagem educacional.

Quando apresentamos os índices referentes a escolaridade de pais e mães dos jovens da pesquisa, podemos comprovar as observações acima. Os pais (pai e mãe) dos jovens da Escola Estadual possuem mais anos de estudo do que os pais dos jovens da escola João Luiz Alves. Desse modo, podemos apontar que quanto mais escolarização dos pais maior será a escolarização dos filhos. Outra questão diz respeito ao auxílio que as famílias podem realizar junto aos seus filhos. Podemos supor que por terem uma escolaridade baixa, os jovens da Escola João Luiz Alves não puderam contar com este auxílio. Talvez, esta ação possa ser um componente importante na manutenção do jovem na escola.

Deste modo, embora os jovens da Escola estadual sejam oriundos de uma região da cidade do Rio de Janeiro com alta concentração de pobreza e originários de famílias de baixa renda, pudemos verificar que estes fazem parte de uma “elite” se comparados com os jovens da Escola João Luiz Alves. Isto é, trata-se de um grupo que possui uma especificidade em relação ao outro grupo. Este aspecto, entretanto, não garante a inexistência de percepções semelhantes entre os grupos. De fato, esta diferenciação é bastante significativa quando observamos os aspectos relacionados as relações de amizades estabelecidas pelos jovens que abandonaram a escola e a posse de bens duráveis, por exemplo.

6.6 HABITAÇÃO E POSSE DE BENS DURÁVEIS

Com relação a sua habitação, 74,13% dos jovens da escola João Luiz Alves afirmaram residir em imóvel próprio, contra 48,83% dos jovens da Escola Estadual. O quadro 10 apresenta uma relação de bens duráveis. Ele demonstra que os jovens da Escola Estadual possuem um percentual maior de bens, em relação aos jovens da Escola João Luiz Alves. Podemos inferir que o primeiro grupo possui um poder aquisitivo maior que o segundo grupo. Frente à ideia preconcebida de que famílias de jovens oriundos de camadas populares não possuem condições financeiras para adquirir certos bens duráveis, a distribuição abaixo demonstra o contrário. A rigor, o

que percebemos é certa semelhança na relação que os sujeitos da pesquisa e suas famílias mantêm com a posse de bens duráveis. Podemos inferir que os dois grupos possuem situação socioeconômicas muito próximas.

Quadro 10- Relação de bens duráveis:

Bens	Jovens da Escola João Luiz Alves	Jovens da Escola Estadual
Computador	86%	88,4%
Máquina de lavar	69%	86%
Automóvel	39,7%	53,5%
Telefone fixo	58,6	93%
Telefone celular	82,8%	95,3%
Geladeira duplex	60,3%	69%

Fonte: Pesquisa “Jovens e Jovens em conflito com a Lei: o que pensam sobre a escola?”/2013

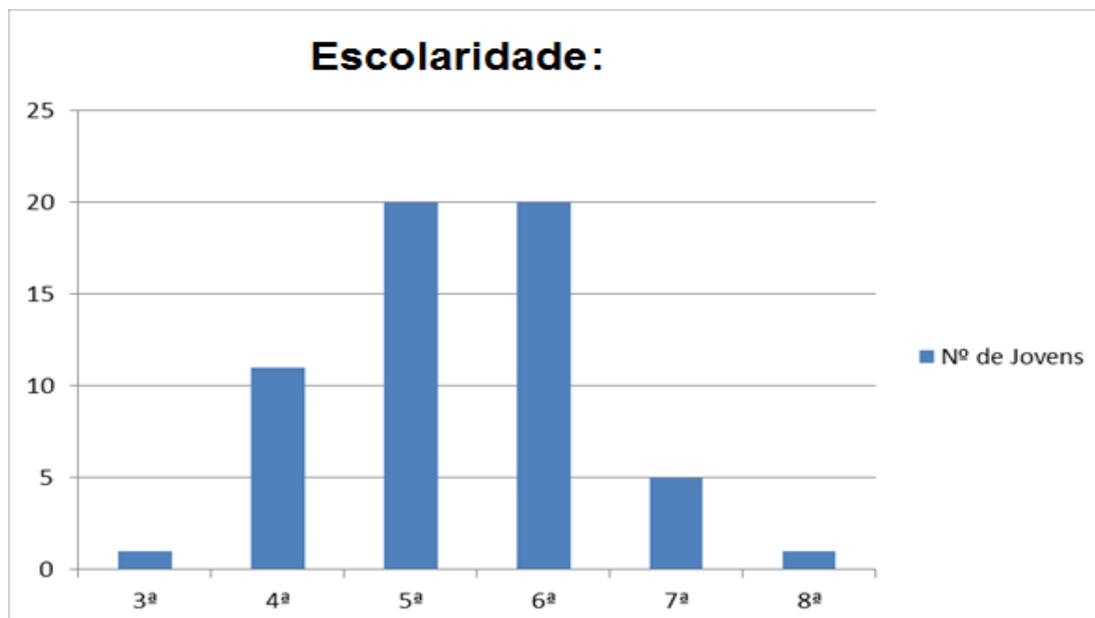
6.7 TRAJETÓRIAS ESCOLARES

Consideramos que um dos grandes desafios para entendermos as percepções que os jovens possuem sobre a escola, refere-se ao fato de estes preferem não falar sobre esta instituição. As pesquisas, em sua maior parte, possuem um aspecto discursivo, ou seja, são desenvolvidas na forma de entrevistas ou perguntas específicas para determinados sujeitos. Compreender os contextos nos quais estas percepções surgem (ou não) é muito importante para uma explicação mais apropriada dos resultados alcançados.

Mesmo tendo presente que a escola faz ou fez parte do cotidiano dos sujeitos da pesquisa, sendo a instituição responsável pela maior parte do tempo depreendido de suas vidas, discorrer sobre ela é algo que não faz parte deste cotidiano. Apenas quando são interpelados é que estes jovens explicitam suas percepções.

Assim, o processo de escolarização dos jovens que cumprem medida socioeducativa de internação na Escola João Luiz Alves, mostra uma fragilidade dos mesmos em relação aos direitos fundamentais afirmados no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Todos os jovens apresentam uma defasagem idade série, conforme mostra o gráfico 7. Nenhum dos jovens concluiu o Ensino Fundamental, ao contrário dos jovens da Escola Estadual, que, mesmo apresentando também defasagem idade série, todos estão no primeiro ano do Ensino Médio, com a mesma faixa etária dos jovens da EJLA.

Gráfico 7



Observa-se também que no que diz respeito ao Ensino Fundamental, 36,2% repetiram este segmento mais de três vezes. Com relação à rede escolar em que o jovem estudou, 69% dos jovens da escola João Luiz Alves relatou ter estudado em Escola Pública. Já com referência aos jovens da Escola estadual, 48,8% declararam terem estudado apenas em escolas públicas.

A Escola João Luiz Alves oferece a modalidade de Ensino Fundamental e Médio através da Escola Estadual Candeia, conforme relatado anteriormente. Salientamos ainda que o espaço físico dessa escola funciona num anexo da Escola João Luiz Alves. Além disso, como a grande maioria dos jovens estão, segundo os dados, no Ensino Fundamental em diversas séries, não foi possível analisar, durante nossa permanência na unidade, como os professores trabalham com a grade curricular.

Segundo relato das técnicas responsáveis pelo acompanhamento do processo de escolarização desses jovens, a grade curricular é a mesma utilizada na rede de ensino estadual. Entretanto, existem algumas especificidades como: o período de aulas é reduzido e não há utilização de outros recursos a não ser o do quadro verde e giz. Conforme relatamos anteriormente, avaliamos que pelo fato da grande maioria

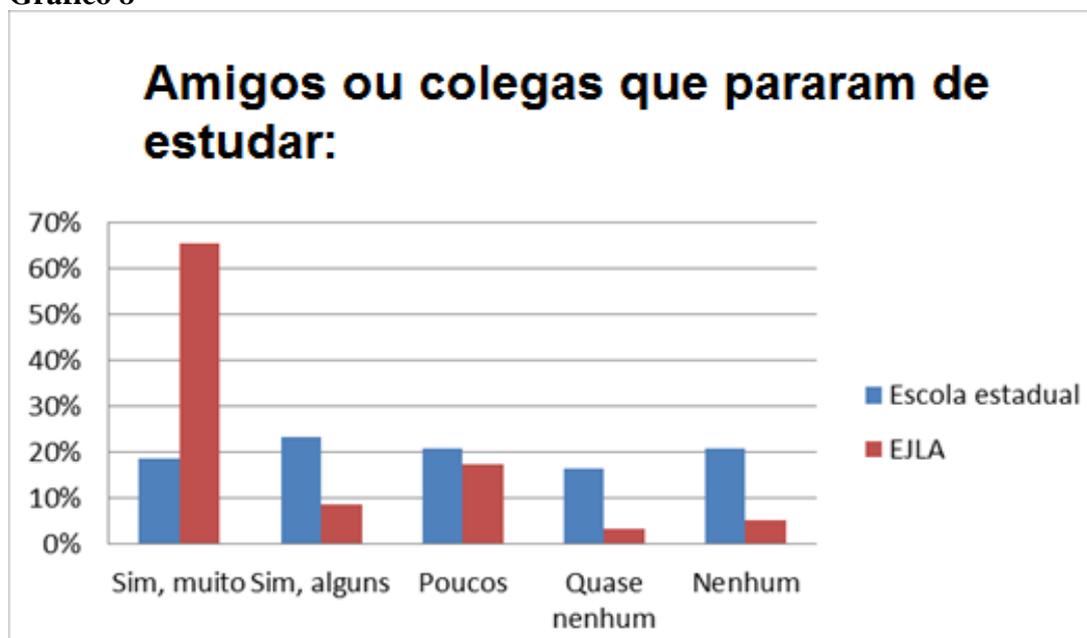
dois jovens dessa unidade socioeducativa terem sido reprovados mais de uma vez e de terem abandonado a escola, existe um descompasso entre o que é oferecido e o que atenderia as necessidades desses jovens. Assim, talvez seja por esse motivo, que vimos que a grande maioria dos jovens não frequenta as aulas na escola Candeia, ficando, quando não há oficinas, com tempo ocioso. Foi possível perceber um grande número de jovens que ficam grudados na janela “olhando a paisagem”.

Com relação à rede escolar em que o jovem estudou 69% dos jovens da escola João Luiz Alves relatou ter estudado em Escola Pública. Já com referência aos jovens da Escola estadual, 48,8% declararam terem estudado apenas em escolas públicas. O Gráfico 7, apresenta as séries dos jovens da Escola João Luiz Alves. É possível verificar que a maioria está na quinta e sexta séries. Quando aplicamos os questionários, muitos destes jovens tiveram dificuldades em ler as questões, o que nos leva a deduzir que muitos são semianalfabetos. Estudo realizado por KAUFFMAN (2001) constatou que um nível de escolaridade baixo pode atuar como fator de risco e a situação contrária, como um indicativo de proteção. Em pesquisa realizada por GALLO e WILLIANS (2008) a partir de análises de prontuários de jovens que cumprem medidas socioeducativas, constatou-se que os jovens que pararam de estudar tinham maiores percentuais de reincidência. Outro dado apresentado no estudo é que jovens com uma escolaridade mais elevada cumpriam medida socioeducativa menos rigorosa, o que demonstra também que o ato infracional era menos severo.

Com relação à continuidade ou não dos estudos, 69% dos jovens da Escola João Luiz Alves pararam de estudar alguma vez na vida. Já os jovens da Escola Estadual apenas 9,3% dos jovens afirmaram terem parado de estudar. Analisando o percentual dos jovens da Escola João Luiz Alves, poderíamos conjecturar que os mesmos pararam de estudar devido a medida socioeducativa de internação que estão cumprindo, fazendo com que estes não estejam frequentando a escola. Entretanto, quando perguntamos quantas vezes repetiram o ensino fundamental, cerca de 36,2% destes jovens afirmaram terem repetido este segmento de ensino mais de três vezes, o que nos leva a supor que mesmo antes da aplicação da medida socioeducativa, estes jovens já estavam fora da escola.

Quando perguntados se entre os amigos e colegas, havia alguém que tinha parado de estudar, o gráfico 8 apresenta os percentuais de resposta. Percebe-se que os jovens que cumprem medida socioeducativa de internação da Escola João Luiz Alves, possuem um percentual elevado de amigos ou colegas que pararam de estudar, cerca de 65%. Isto indica que estes jovens conviviam com outros jovens que estavam fora da escola, o que os coloca numa situação de mais vulnerabilidade, em relação aos outros jovens da pesquisa que estão na Escola Estadual.

Gráfico 8



No que se refere ao gosto pelo estudo, 62,8% dos jovens da Escola Estadual declararam gostar muito de estudar, contra 25,9% dos jovens da Escola João Luiz Alves. Chama atenção ao fato de que 43,1% destes jovens afirmaram que não gostam de estudar. É possível articular o fato de terem repetido muitas vezes uma determinada série o não gostar de estudar, conforme demonstra o gráfico 9.

Gráfico 9



Os estudos de COSTA, (2007) e de DIAS (2007) mostraram que as diferentes percepções dos jovens em relação a escola estão, em grande medida, relacionados aos seus contextos de socialização familiar e suas experiências no espaço escolar. Daí que nesta reflexão sobre a percepção que os jovens têm da escola se cruzem, com aspectos explicativos, valores, perspectivas familiares e escolares.

Com relação ao efeito da família, por exemplo, consideramos ser este, um componente importante no que se refere ao gosto pela escola, sobretudo porque ela tem uma disposição em aderir aos objetivos escolares. Evidentemente que o efeito da escola sobre a família, também não pode ser negligenciado: se a família molda e condiciona seus filhos a partir da transmissão dos saberes escolar e cria expectativas sobre o sucesso escolar dos mesmos, a escola, por sua vez, também influencia, na medida em que pode atender essas expectativas com práticas pedagógicas eficazes e estrutura institucional que levem ao sucesso escolar. Quando estas duas instituições partilham desta mesma perspectiva, acreditamos que estarão reunidas aí, condições favoráveis para que os jovens possam atribuir um sentido positivo a escola.

No que diz respeito a como se consideravam como alunos, 44,8% dos jovens da Escola João Luiz Alves afirmaram serem bons alunos. Já com os jovens da escola

Estadual, 53,5% fizeram a mesma afirmação. Estes dados revelaram que estes últimos jovens tiveram experiências escolares relativamente positivas. Se essas experiências foram significativas, é outra história.

Dentre os motivos apresentados pelos jovens sobre o porquê iam à escola e estudavam, 83,7% da Escola Estadual e 89,6% revelaram que com estudo poderiam aumentar as competências no mercado de trabalho. Observou-se também que os mesmos avaliavam que o estudo poderia leva-los a encontrarem um emprego na área desejada. Essa perspectiva tinham 90,7% dos jovens da Escola Estadual e 96,6% da Escola João Luiz Alves. Isto pode ser comprovado com o percentual de 74,4% dos jovens da Escola Estadual e 50% dos jovens da Escola João Luiz Alves que afirmaram que estariam trabalhando e estudando num prazo de três anos.

Quando perguntados sobre a profissão que gostariam de exercer, relataram diversas. O quadro 11 apresenta as profissões escolhidas pelos jovens da escola Estadual.

Quadro 11 - relação de profissões escolhidas pelos jovens da Escola estadual:

Profissões	Escola Estadual
Advogado	9
Militar	3
Bombeiro	2
Delegado Federal	4
Desenhista	2
Eletroquímico	2
Enfermeiro	3
Engenheiro Civil	2
Gastronomia	1
Jornalista	3
Médico	6
Professor	4
Psicólogo	2
TOTAL	43

Fonte: Pesquisa BATISTA (2013)- Pesquisa “Jovens e jovens em conflito com a lei: o que pensam sobre a escola”?

Os jovens da Escola Estadual indicaram profissões que possuem certo prestígio social. Podemos supor que por estarem estudando possuam mais informações acerca das profissões, tendo em vista que as escolas procuram trazer essas informações para os estudantes.

Já com relação aos jovens da Escola João Luiz Alves, conforme quadro 12 abaixo, chamam a atenção profissões com menor prestígio social tais como: mecânico, eletricista e cortador de confecção. O fato de terem abandonado a escola e

possuírem baixa escolaridade, pode ser uma explicação para estas escolhas. Consideramos que os processos de escolha profissional podem estar relacionados aos aspectos econômicos, social e simbólico do grupo social onde o jovem está inserido.

Quadro 12 - relação de profissões escolhidas pelos jovens da Escola João Luiz Alves:

Profissões	EJLA
Advogado	25
Cortador de confecção	1
Delegado Federal	3
Delegado de Polícia	3
Eletricista	3
Empresário	1
Estaleiro	2
Fuzileiro Naval	2
Jogador de futebol	2
Mecânico	4
Médico	5
Motorista de ônibus	1
Plataformista	1
Informática	1
Militar	3
Soldador da Petrobrás	1
Total	58

Fonte: Pesquisa BATISTA (2013)- Pesquisa “Jovens e jovens em conflito com a lei: o que pensam sobre a escola”?

Os dados parecem indicar que os jovens da Escola João Luiza Alves incorporam predisposições mais limitadas, ou seja, parece que tem consciência de suas possibilidades de sucesso, visto que escolherem profissões de menor prestígio social. Por outro lado, a união entre as expectativas dos jovens da Escola Estadual e as perspectivas de nível de escolaridade futura em cursos de nível superiores (médico, eletroquímico, engenheiro, entre outras) possibilita verificar que estes jovens assemelham-se aos anteriores, no aspecto de saberem quais são suas possibilidades de sucesso, já que estão estudando.

Segundo os dados existentes, 44,8% (jovens em conflito com a lei) e 28% (jovens da escola estadual) alegaram ainda que já tiveram bons motivos para irem para escola, mas questionavam-se se valeria a pena continuar nessa instituição. Os jovens em conflito com a lei afirmaram que a escola era um lugar onde se sentiam um estranho- 39,7%, contra 25,6% da Escola Estadual.

Se se considera que “faziam amigos facilmente” (65,01%-da Escola Estadual e 63,8%- da Escola João Luiz Alves) e “sentiam-se a vontade” (62,8%, da Escola Estadual e 50,0%, da Escola João Luiz Alves). DAYREL (2007) afirma que

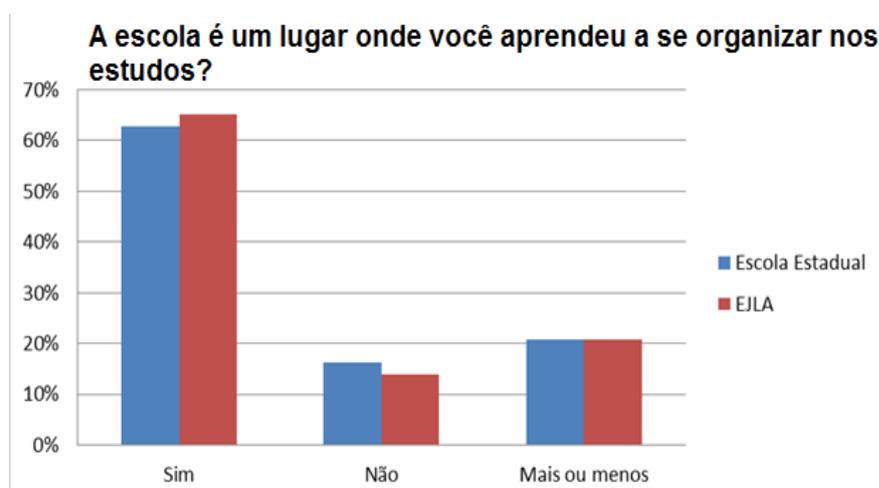
“a unidade escolar apresenta-se como um espaço peculiar que articula diferentes dimensões. Institucionalmente, é ordenada por um conjunto de normas e regras que buscam unificar e delimitar a ação dos seus sujeitos” (DAYREL, 2007, pág.118).

Assim, essas relações estabelecidas no espaço escolar expressam a condição socializadora desta instituição que, no nosso ponto de vista deveriam influenciar a permanência destes jovens na escola.

Para ilustrar as considerações acima, apresentamos o gráfico 10, subsequente, que mostra a opinião dos jovens sobre a escola ser um lugar onde eles aprendiam a se organizar nos estudos. Nele fica evidenciado que cerca de 60% responderam que a escola cumpria bem esta função.

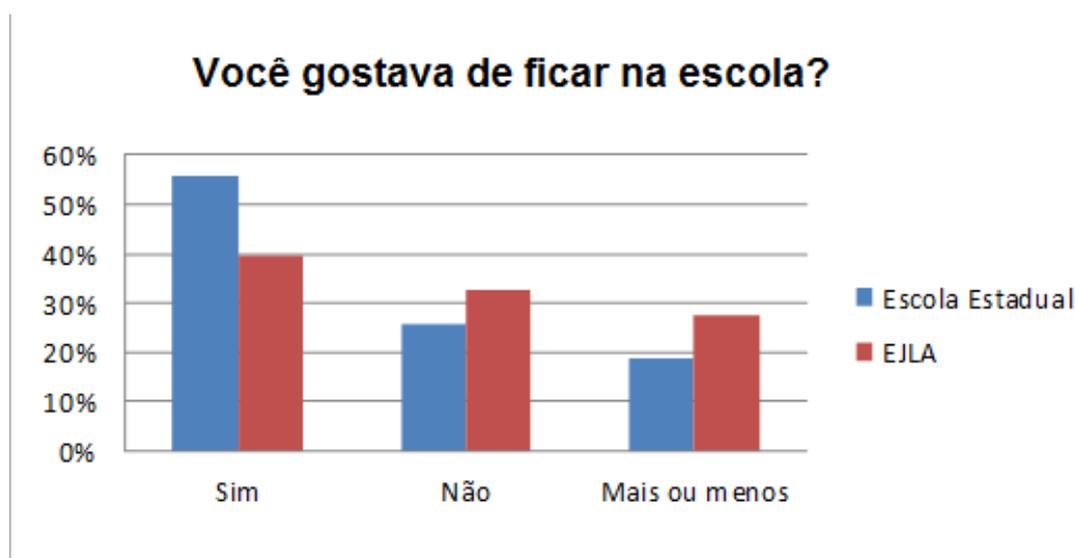
No entanto, quando questionados se a escola era um lugar onde aprendiam a pensar, cerca de 60% dos jovens da Escola Estadual responderam sim, contra apenas 10% dos jovens da Escola João Luiz Alves. Para 50% dos jovens infratores a escola não os ensinou a pensar. Neste caso, como os jovens da Escola estadual estão estudando, acreditamos que suas percepções acerca deste item tende a variar das dos jovens da Escola João Luiz Alves, porque aqueles estão realizando esta atividade na escola e os outros não.

Gráfico 10



Com relação a escola ser um lugar onde os jovens gostavam de ficar, o gráfico 11 apresenta as representações dos dois grupos. De maneira geral, existe uma satisfação por parte dos jovens em ficar na escola. Segundo os dados, a escola é também um lugar onde jovens sentiam-se a vontade para cerca de 60% e 50%, respectivamente, da escola Estadual e jovens da escola João Luiz Alves.

Gráfico 11



Observamos que as respostas a questão da escola ser um lugar onde os jovens gostavam de ficar é bem representativa. Significa que estar na escola foi uma experiência positiva. Entretanto o aspecto social parece ser muito mais complexo e heterogêneo, especialmente no que diz respeito às disposições que fariam prever tal representação. Além disso, ainda que estes jovens tenham passado pela instituição escolar, as diferenças entre os grupos em estudo são também significativas, o que fica evidente no fato de que 11% dos jovens da Escola estadual iam para escola porque eram obrigados. Enquanto para os jovens da João Luiz Alves este percentual é de 48%. O interessante é verificar, apesar de tudo, existe uma disposições favorável dos jovens em relação à escola.

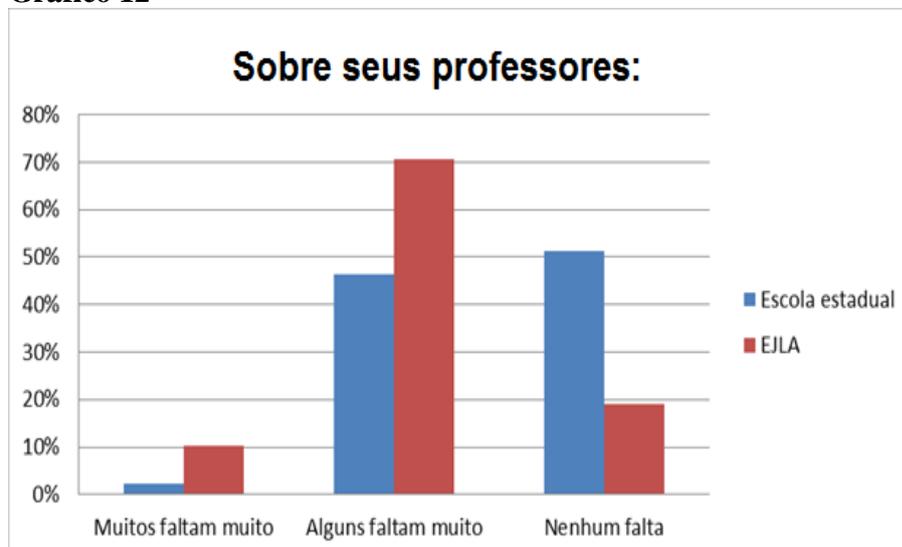
A seguir, destacaremos os aspectos mais significativos, relatados pelos jovens, que dizem respeito aos aspectos da escola.

6.8 ASPECTOS RELACIONADOS Á ESCOLA

Neste tópico, buscamos compreender a percepção geral que os jovens tinham em relação os aspectos da escola. Buscou-se também caracterizar a qualidade da escola e aos aspectos relacionados a dinâmica da sala de aula, organização, qualidade do ensino, relação com professores e aprendizado

No que se refere a dinâmica da sala de aula, no gráfico 12 é possível percebermos que alguns professores faltavam muito a escola. No caso do DEGASE, 70% dos jovens aponta isso. Já para os jovens da Escola Estadual, corresponde a cerca de 45% relata a falta de professores. Se levarmos em consideração que a ausência do professor tem uma consequência direta na dinâmica da escola, o processo de aprendizagem e motivação dos alunos fica prejudicado. Mesmo considerando outros fatores que possam evidenciar a permanência do aluno na escola, consideramos que estes fatores não tem o mesmo impacto do fator presença do professor em sala de aula.

Gráfico 12



Em estudo realizado sobre incidência das faltas dos professores em escolas nos estados Unidos, CLOTFELTER (2007) constatou que “quando os professores regulares não estão em sala de aula, as oportunidades para que os alunos aprendam são mais lentas” (CLOTFELTER, 2007, pág.27). O autor verificou também que em

escolas em que os professores estavam mais presentes, estes tinham um desempenho melhor nos exames nacional.

Ainda com relação à dinâmica da sala de aula, 58% e 45% dos jovens da Escola Estadual e da Escola João Luiz Alves, revelaram em algumas aulas os professores precisavam esperar a turma fazer silêncio para que pudessem ministrar os conteúdos. Outra característica dessa dinâmica diz respeito ao barulho em sala de aula. Cerca de 63% dos jovens da Escola Estadual e 38% dos jovens que cumprem medida socioeducativa na Escola João Luiz Alves, afirmaram que em algumas aulas havia muito barulho. Outra questão diz respeito à explicação do professor. Segundo os jovens do DEGASE, 73% disseram que apenas em algumas aulas os professores explicavam a matéria até o aluno entender. Já os jovens da Escola Estadual, 42,% fizeram a mesma afirmação.

Assim, embora os estudos de CARVALHO (2004) e FERRAÇO (2005) tenham apontado à necessidade de se pensar o tempo na/da escola em outra lógica que não somente a temporal, para os jovens da pesquisa em questão, a dinâmica em sala de aula precisa ser repensada.

No que se refere a organização da escola, 37% dos jovens da Escola Estadual deram nota dez para este item. Já os jovens que cumprem medida socioeducativa de internação na escola João Luiz Alves, 25% deram a nota máxima e 27% deram nota um, sendo que nenhum dos jovens da Escola Estadual deu essa nota para este quesito. É possível articular a organização da escola como um dos motivadores para permanência do jovem na escola. Os percentuais para nota dez, nos dois grupos, explicitam esta ideia. Já com relação à qualidade do ensino, 45% dos jovens da Escola Estadual deram nota dez e 36% dos jovens do Degase, deram a mesma nota.

Segundo dados existentes 58% dos jovens da Escola estadual afirmaram que os professores têm que esperar muito tempo até que alunos façam silêncio, contra 42% dos jovens da João Luiz Alves. Outro dado diz respeito ao barulho e a desordem em sala de aula. 63% dos jovens da Escola Estadual e 38% da João Luiz Alves, responderam que em algumas aulas estas condutas são realizadas. Esta dinâmica da sala de aula expressa a percepção dos jovens de que a sala de aula é um ambiente onde os conflitos se explicitam efetivamente. Ocorre que neste espaço também

existem contradições, pois os mesmos alunos que querem apreender os saberes escolares são os que retardam este processo em sala de aula, com outras ações.

COSTA e ASSIS (2006) em pesquisa sobre o contexto socioeducativo destacaram três aspectos relacionados a promoção do sucesso dos jovens que cometeram ato infracional: o primeiro dia respeito ao fortalecimento das relações sociais, o segundo o processo de autonomia e por último, a perspectiva de elaboração de projetos de vida. As autoras apontam a escola como um lugar que pode possibilitar a vivência dessas experiências. Outro estudo realizado por CANO (2006) tendo como objetivo analisar as propostas dos setores de segurança pública para a “prevenção social” relaciona esta ação, com políticas públicas para que o espaço escolar. Avaliamos que estas intervenções possuem duas perspectivas: uma, mais direta, centrada em ações para a instituição escolar, sobretudo no que diz respeito a como esta instituição pode fazer com que o jovem permaneça na escola, e outra, que possam perpassar outros setores, como a saúde, habitação, entre outras.

Ao serem solicitados a avaliar se os professores explicavam os conteúdos até que os jovens pudessem compreendê-los, 24,1% dos jovens da Escola João Luiz Alves respondeu que isso não ocorria em nenhuma aula, contra 23,3% dos jovens da Escola Estadual. Deve, no entanto, ser enfatizado que 32,5% dos jovens da Escola Estadual e 3,5% dos jovens da João Luiz Alves, considerou que isto ocorria na maioria das aulas. Além disso, 30,2% dos jovens da Escola Estadual e 29,3% da João Luiz Alves declararam que os professores os incentivavam durante o processo de ensino aprendizagem. Nota-se que destas duas dimensões relacionadas à dinâmica na sala de aula, a que se refere ao posicionamento dos jovens da Escola João Luiz Alves, há uma tendência a identificar certa displicência por parte dos professores no que diz respeito ao processo de entendimento do conteúdo por parte dos jovens.

Ao serem solicitados a responder sobre a escola ser um lugar onde faziam amigos, 65,1% dos jovens da Escola estadual e 63,8% da Escola João Luiz Alves responderam positivamente. Quando solicitados a avaliar se escola era um lugar onde se sentiam a vontade, 62% dos jovens da Escola Estadual e 50% dos jovens da João Luiz Alves responderam que sim. A questão das relações sociais e afetivas é apontada como um fator importante para o sucesso escolar e a permanência na escola